

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

A LINGUAGEM ORAL PARA DEFICIENTES  
MENTAIS EDUCÁVEIS

IMACULADA CONCEIÇÃO CAVALCANTI KFFURI

Orientadora: Prof. Mestre Maria Ignez Marins

Monografia apresentada ao Departamento  
de Teoria e Fundamentos da Educação da  
UFPR para Obtenção do título de Espe-  
cialista em Educação Especial.

CURITIBA

1985

A todas as crianças brasileiras,  
minha fonte de inspiração e meu  
grande incentivo.

Curitiba, março de 1985.

## AGRADECIMENTOS

Às professoras e em especial, a Mestre  
Maria Ignez Marins, orientadora e amiga.

Faço extensão ao meu marido e aos meus  
filhos, companheiros e colaboradores.

Anexo, ainda, às colegas e amigas.

A todos, o meu reconhecimento.

## SUMÁRIO

|      |  |    |
|------|--|----|
| I    | - INTRODUÇÃO .....                                     | 05 |
| II   | - JUSTIFICATIVAS .....                                 | 09 |
| III  | - OBJETIVOS .....                                      | 13 |
| IV   | - PROBLEMA .....                                       | 14 |
| V    | - METODOLOGIA DA PESQUISA.....                         | 14 |
| VI   | - DEFINIÇÃO DE TERMOS .....                            | 15 |
| VII  | - A EDUCAÇÃO ESPECIAL .....                            | 19 |
|      | 7.1 - CONCEITO E CARACTERIZAÇÃO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL . | 19 |
|      | 7.2 - O DEFICIENTE MENTAL E SUA TIPOLOGIA.....         | 22 |
|      | 7.2.1 - Deficiente Mental Leve Educável.....           | 26 |
|      | 7.3 - AS CLASSES ESPECIAIS .....                       | 29 |
| VIII | -A LINGUAGEM ORAL .....                                | 33 |
|      | 8.1 - LINGUAGEM E LINGUAGEM ORAL .....                 | 33 |
|      | 8.2 - DISTÚRBIOS DE LINGUAGEM ORAL .....               | 36 |
| IX   | - ATIVIDADES DE LINGUAGEM ORAL .....                   | 41 |
|      | 9.1 - EXERCÍCIOS FORMADORES .....                      | 41 |
|      | 9.1.1 - Planejamento dos Exercícios Formadores         | 41 |
|      | 9.2 - ATIVIDADES DE LINGUAGEM ORAL .....               | 44 |

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| 9.2.1 - Dramatização .....            | 44 |
| 9.2.2 - Debates .....                 | 45 |
| 9.2.3 - Pantomimas .....              | 45 |
| 9.2.4 - Reprodução de Histórias ..... | 46 |
| 9.2.5 - Quadrinhas ou Poemas.....     | 47 |
| 9.2.6 - Hora da Novidade .....        | 48 |
| 9.2.7 - Saco de Surpresas .....       | 49 |
| 9.2.8 - Recados .....                 | 49 |
| 9.2.9 - Passeios de Observação .....  | 50 |
| 9.2.10- Leitura .....                 | 50 |
| 9.2.11 - Jornal Mural .....           | 52 |
| X - CONCLUSÃO .....                   | 54 |
| XI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... | 56 |

## I - INTRODUÇÃO

Quer-se, com este trabalho que os professores de turmas de Classes Especiais, encontrem sugestões de atividades de linguagem oral que devem ser selecionadas, em finalidade e tipo, de acordo com as necessidades e interesses que os alunos de classes especiais apresentem ou que lhes sejam característicos. Isso não só porque o artigo 176 da Constituição Brasileira<sup>1</sup> em sua filosofia democrática, abre para todos a oportunidade de educação, mas também, porque a Lei nº 5.692/71 em Capítulo I, Artigo 9º, preconiza um sistema humanístico de valores, onde são oferecidas a todos os indivíduos as mesmas oportunidades educacionais, ou seja "proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania"<sup>2</sup>.

"A igualdade de oportunidade educacional é alcançada quando se proporciona a cada aluno meios de desenvolver, segundo seu ritmo de aprendizagem, tanto quanto possível, o máximo de suas potencialidades"<sup>3</sup>.

Os objetivos específicos estabelecidos nas unidades ou núcleos centralizados em linguagem, principalmente a oral, devem ser amplos e gerais, desdobrados depois em objetivos específicos: os objetivos comportamentais. Deve se dizer que os programas es-

colares deverão ser conduzidos por pessoal treinado, usando material especial e que tenha à disposição recursos para a execução da tarefa.

As atividades que aqui serão apresentadas - e outras que o professor venha a criar com a finalidade de compensar as deficiências de seus alunos irão capacitá-lo a responder, mais efetivamente, às exigências da aprendizagem.

Daí a importância quanto ao papel da escola em considerar o deficiente mental educável que, apesar de sujeito a possíveis rebaixamentos mentais, apresenta-se como capaz de desenvolver em termos de padrões comportamentais, atividades principalmente de linguagem oral, quer mentalmente a ele mesmo, conseguindo organizar o pensamento e torná-lo articulado, concatenado e nítido. É assim que, se adquire o manejo da língua, que não decorre apenas do desenvolvimento do cérebro, mas também das circunstâncias de que o indivíduo dispõe a serviço de todo o seu trabalho em atividade mental.

"Se cada aluno excepcional deve utilizar o seu potencial, não há fator isolado mais importante que a assistência de professores de classes regulares e de classes especiais bem preparados e eficientes". 4

Serviços impróprios podem levar a criança a perder anos de escolarização tornando impossível a sua recuperação e resultando negativos ou pobres o desenvolvimento de hábitos de linguagem oral, bem como os demais, o que significa grande perda para si e para a sociedade.

Como explica Vergason,

"não se aceita o fato de dizer que devido ao ambiente

pobre, à hereditariedade, às deficiências do lar, à falta dos pais, a criança não pode aprender. As escolas são chamadas à ordem para que ensinem a todas as crianças e sejam escolas sem fracasso". 5

Tratando-se das condições de desenvolvimento, principalmente em linguagem oral, que possuem os deficientes mentais educáveis, precisarão eles de um atendimento capaz de suprir as suas necessidades. Cabe à escola despertá-lo para tal levando-o a um desenvolvimento integral, para que, em termos de linguagem oral, sejam capazes de prosseguir no ensino comum, ou sejam capazes de se encaminharem profissionalmente, ajudando a si e à sociedade, como sujeito ativo, consciente e participante.

NOTAS DE RODAPÉ

1. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei nº 4.024 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, S.D. p.19.
2. \_\_\_\_\_. Lei nº 5.692 - 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus, e dá outras providências. Curitiba, Secretaria da Educação e Cultura/FUNDEPAR, S.D. p.34.
3. DUNN, Loyd. M. Crianças excepcionais, seus problemas, sua educação. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1971, p. 5.
4. MACHIE, Romaine P. Dabelsteil & HEBER, R. F. Preparation of Mentally Handicapped Youth for Gainful Employment. Washington DC: Government Printing, 1959, p. 20.
5. VERGASON, G. Accountability in Special Education. In: Kirk, LORD. Excepcional Children: educational resources and perspectives. Boston, Houghton/Mifflin, 1974, p.16.

## II - JUSTIFICATIVAS

O presente trabalho se justifica pela importância que a linguagem oral ocupa nas classes de Educação Especial quanto ao desenvolvimento das habilidades em expressão e/ou linguagem oral.

Sendo a linguagem de função comunicativa, e simultaneamente detentora de outra subfunção: a integração social. O uso da língua é apenas uma atividade social entre inúmeras outras também sociais e praticamente, não existe nenhuma atividade social que se realize sem a linguagem. A integração social não se faz sem a linguagem, sem o apropriado uso da língua. O aluno precisa aprender a adequação da linguagem às situações de vida.

"A comunicação deve estabelecer ou manter a integração social, pois só pode haver família, empresa, comunidade, Município, Estado, Nação com a integração das pessoas em seus respectivos agrupamentos". 1

Outra função da linguagem é de ser instrumento do pensamento e pode ser alcançada simultaneamente pela função da comunicação, quando o indivíduo utiliza silenciosamente a linguagem, quando o faz por seu cérebro, pelo raciocínio, por observação dos fatos mentais.

"O raciocínio se desenvolve pelo aumento da capacidade comunicativa, o principal código comunicativo é a linguagem e as duas modalidades, a oral e a escrita, não ocorrem sem que haja pensamento. Enquanto a aquisição da linguagem oral exige o apuro de duas modalidades, o escutar e o falar, a escrita necessita de duas outras, o ler e o escrever. Em nenhuma destas quatro habilidades prescinde do raciocínio": 2

Cabe, assim a Escola dar condições para o desenvolvimento do raciocínio, o qual resultará em habilidades, principalmente de linguagem oral. Todavia, cumpre lembrar que não cabe à Escola ensinar nem aperfeiçoar a linguagem familiar, mas ensinar ao aluno a variante culta, principalmente na sua forma oral, e a usá-la conforme for necessário.

O verdadeiro domínio da língua não é a formação de hábitos corretos dos significantes, mas o domínio do significado que está nos significantes.

O domínio da linguagem oral irá garantir os primeiros anos que se sucedem na etapa escolar, assegurando o período da alfabetização e, conseqüentemente, o rendimento escolar.

Cabe ao professor observar e desenvolver as habilidades de linguagem oral, prevendo com isso o fator de evasão e repetência escolares, causas do insucesso das classes do ensino regular e, por extensão das Classes Especiais dentro da Educação Especial.

Também acresce a isso um dos grandes problemas da atualidade: o empobrecimento cada vez maior do vocabulário dos nossos estudantes; a escola não lhes dá o necessário enriquecimento vocabular, nem a consciência do fator língua e da situação social em que é falada, situação esta que a espelha e que deve levar a pessoa a agir como ser pensante, atualizado e consciente dos seus direitos e deveres como cidadão.

O bom desempenho da linguagem oral, irá assegurar o desenvolvimento daqueles que têm condições de prosseguirem os estudos no ensino comum, calcado no princípio básico da Educação Especial - normalização <sup>3</sup> - e atendimento àqueles que atingem apenas a terceira série do 1º grau em termos de desempenho escolar.

O objetivo básico deste trabalho é proporcionar ao professor de classe especial condições de desenvolver a linguagem oral de seus alunos, visando a torná-los aptos para a comunicação oral e encaminhá-los para o ensino regular, minimizando as diferenças individuais que possam favorecê-los se não a nível profissional, pelo menos a nível de mercado de trabalho. Todavia, sem o uso adequado e correto da linguagem é impossível esse trabalho, razão pela qual se justifica a ênfase dada na habilidade lingüística aqui referida.

NOTAS DE RODAPÉ

1. BACK, Eurico. Linguística e Ensino do Vernáculo. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978, p. 144. Revista Trimestral de Cultura, nº 53/54.
2. Id *ibid.*, 144.
3. PEREIRA, Olívia et alii. Educação Especial: atuais desafios. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980, p. 20.

### III - OBJETIVOS

#### 3.1 - OBJETIVO GERAL

Orientar professores de classes de Educação Especial quanto às técnicas específicas em exercício, leituras e atividades complementares aplicáveis à deficientes mentais educáveis, com dificuldades em linguagem oral.

#### 3.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Especificar o campo de abrangência da Educação Especial, caracterizando o deficiente mental educável.
- Caracterizar linguagem oral, bem como os distúrbios a esse tipo de linguagem.
- Sugerir atividades de linguagem oral aplicáveis a deficientes mentais educáveis, em classes especiais.

#### IV - PROBLEMA

O problema levantado para a realização desta pesquisa é o seguinte:

Qual é a importância e a necessidade da linguagem oral para deficientes mentais educáveis nas Classes de Educação Especial no ensino regular?

#### V - METODOLOGIA DA PESQUISA

- Levantamento de fontes bibliográficas;
- Seleção de fontes bibliográficas;
- Pesquisa sobre técnicas de linguagem oral;
- Sugestões de técnicas de linguagem oral aplicáveis a deficientes mentais educáveis.

## VI - DEFINIÇÃO DE TERMOS

### Classes Especiais

São salas exclusivamente destinadas a crianças excepcionais, com um número reduzido de matrícula por turma. (15 a 20 alunos). Kirk (1972)

### Deficiente Mental Educável

Os alunos deficientes ou retardados mentais "educáveis" foram definidos como aqueles escolares que os prognósticos indicam que possuirão dificuldades de aprendizagem nas áreas escolares regulares. Dunn (1975)

### Criança Excepcional

Aplica-se tanto às crianças superdotadas quanto às prejudicadas. Dunn (1975)

### Superdotado

É o indivíduo com capacidades e talentos especiais, raciocínio rápido, potencial intelectual acima da média. Witty (1958)

### Retardamento Mental

Diz respeito ao desempenho intelectual geral abaixo da mé

dia; origina-se durante o período de desenvolvimento, prejudicando o posterior comportamento adaptativo. Herbert (1968)

#### Retardo Mental Educável

É aquele que, em seu desenvolvimento psíquico vagaroso, é incapaz de aproveitar suficientemente o programa da Escola Regular. Kirk (1960)

#### Maturação

É a idade em que a criança está preparada para receber a aprendizagem. Oliveira (1977)

#### Oligofrênia

Deficiência do desenvolvimento mental, congênita ou adquirida precocemente. Holanda (1977)

#### Distúrbio

Perturbação orgânica ou social. Holanda (1976)

#### Normalização, Individualização e Integração

Normalização é objetivo, no qual procura-se encaminhar o aluno ao processo de ensino regular.

Individualização é o atendimento que se dá ao aluno de forma individualizada segundo às suas necessidades.

Integração é um processo que vai além de colocar ou manter excepcionais em Classes Regulares. É parte do atendimento que atinge todos os aspectos do processo educacional. Pereira (1980)

### Princípio da Normalização

Estratégia de atendimento educacional no que tange à Educação Especial. Edler (1980)

### Estratégias

Arte de se chegar a um fim. Holanda (1961)

### Estímulos Auditivos e Visuais

Quando se estimula o aluno através dos órgãos da audição e da visão. Oliveira (1977)

### Linguagem

É um sistema organizado em que os símbolos representam pessoas, lugares, sensações, sentimentos, idéias, coisas, eventos e todos os processos de interação de um homem consigo mesmo, com outros seres humanos e com o ambiente. Fleming (1978)

### Fala

É a produção oral de unidades de som combinadas em palavras, frases e parágrafos para a comunicação entre indivíduos e grupos. Fleming (1978)

### Comunicação

Ato ou efeito de comunicar-se. Ato ou efeito de transmitir e receber mensagens por meio de métodos ou processos convencionais, Holanda (1977)

### Linguagem Oral e/ou Expressão Oral

É um comportamento adquirido nos contatos do indivíduo com o meio, através da audição, impulsionado pela necessidade e pelo desejo de se comunicar com os que o cercam. Oliveira (1977)

### Norma Culta

É a variedade de língua que as pessoas de instrução mais elevada procuram empregar. Bak (1978).

### Significado Lingüístico

É a associação entre o significante (período e a situação cultural), associação que se estabelece por associação direta, por comparação e recorrência. Bak (1978).

## VII - A EDUCAÇÃO ESPECIAL

O enfoque sobre Educação Especial pressupõe que se faça também uma abordagem sobre o deficiente mental, um dos objetivos para o qual se volta esse tipo de educação, bem como sobre classes especiais, considerando-se os objetivos desta pesquisa.

### 7.1 - CONCEITO E CARACTERIZAÇÃO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

Por educação especial entende-se o atendimento educacional de excepcionais, isto é, daqueles que apresentam deficiências, distúrbios de conduta, de aprendizagem e os superdotados. São múltiplas as diferenças correspondentes às diversas áreas de manifestação da excepcionalidade e de vários graus. É essencial a avaliação da diferença para se averiguar até que ponto se fazem necessários recursos educacionais especiais. Para alguns autores, pequenas modificações na sala de aula e/ou enriquecimento do programa regular já são suficientes para facilitar-lhes o ajustamento no processo ensino - aprendizagem. Outros não podem ser evitados dentro do sistema padrão utilizado para a criança dita "normal", devido às características gerais pertinentes ao seu grupo de excepcionalidade. Necessitam de professores especializados, de recursos instrucionais específicos

e de instalações adequadas<sup>1</sup>.

A educação de excepcionais é especial, porque se diferencia em métodos e técnicas da educação comum, atendendo a uma clientela que requer ensino especial.

A educação especial faz parte da educação geral porque suas finalidades são as mesmas desta: procura-se admitir o desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade. Na prática, procura-se dar ênfase às diferenças individuais e ao desenvolvimento segundo às potencialidades de cada um. O que se pretende atribuir é a auto-realização, a qualificação para o trabalho, o exercício da cidadania do indivíduo excepcional.

"As diferenças encontradas entre a Educação Especial e a Regular não se encontram nos aspectos filosóficos, mas sim nas estratégias de ação que lhes são próprias e múltiplas, porque, numerosa e variada é a sua clientela". 2

A Educação Especial, segundo Kirk<sup>3</sup>, tem sido definida como um serviço educacional de complementação do programa escolar regular, proporcionado a uma criança excepcional, no sentido de assisti-la em seu desenvolvimento e em suas potencialidades e/ou corrigi-la em suas dificuldades.

Como promover e implantar o atendimento educacional a excepcionais caberá ao governo, à família e à comunidade, numa ação coordenada e conjunta e com os mesmos objetivos.

"A educação especial, dada as suas características permitem considerá-la como subsistema da educação brasileira. Sua inclusão na lei se fez muito timidamente a través do artigo 9º, Capítulo I, do ensino de 1º e 2º graus, dependendo de regulamentação pelos competentes Conselhos Estaduais de Educação Especial. Somente se encarando como sistema o atendimento à excepcionais terá condições de garantir as diretrizes do Sistema Educacional Brasileiro. 4

Essas diretrizes constituem-se na humanização e democratização do ensino; desenvolvimento pessoal; formação de recursos humanos; expansão do atendimento; incorporação de patrimônio cultural.

Aplicam-se essas diretrizes indistintivamente a indivíduos normais e a excepcionais. Se a Educação Especial não se organizar como sistema, será um conjunto de procedimentos constituídos por pais, professores ou leigos agindo isoladamente. O enfoque sistêmico é o mais indicado para diagnosticar todas as funções, todas as variáveis de estado e de fluxo. Pode-se assim montar uma matriz de integração, que signifiquem possibilidade de desenvolver planos, projetos e atividades. Uma vez arrolados devem-se estabelecer prioridades.

As variáveis de estado são as funções estruturantes do subsistema da Educação Especial, isoladamente consideradas, constituem-se em sistemas próprios, com funções específicas, todas convergindo para o objetivo comum da Educação Especial.

Cada função, embora tenha suas características específicas e implique em recursos humanos, materiais e financeiros, define-se pelos objetivos gerais.

A avaliação e a triagem é o ponto cruciante na Educação Especial, na qual o professor do ensino regular é o elemento mais atuante que baseados na observação do comportamento da criança, de suas dificuldades no processo de aprendizagem, suspeitam problemas e encaminham o "aluno problema" para o ensino especial, dado o seu despreparo em trabalhar com alunos lentos.

"O atendimento educacional a excepcionais pelos graus e modalidades de ensino devem calcar-se nos princípios básicos de Educação Especial - normalização, indivi -

dualização e integração - ativando todas as estratégias de atendimento educacional - Classe Especial, Classe Comum com a ajuda do professor consultor, sala de recursos, oficinas pedagógicas, professores itinerantes e assim por diante" 5

Na medida em que a sociedade torna-se mais complexa, vários fatores contribuem para o aumento da clientela do ensino especial: explosão demográfica, poluição ambiental, pobreza, propagação de tensões, surtos endêmicos e epidêmicos.

Para o atendimento a toda essa diversificação em clientela, a Educação Especial deverá constituir-se em um sistema. Em decorrência, cada Secretaria de Educação no setor da Educação Especial possa ter seu órgão próprio para planejar, organizar, coordenar, dirigir e acompanhar a Educação Especial, sob o enfoque sistêmico, de forma que o excepcional seja um recurso e um fim para o seu país.

"Sistema é a forma de organização de atividades, recursos, propósitos em função de objetivos inter-relacionados com outras realidades do desenvolvimento sócio-econômico do Estado e do País, regulado por princípios e normas específicos com atuação integrada, coordenada e avaliada, independentemente de estruturas formais relativas a órgãos, mecanismos e entidades nele compreendidas." 6

## 7.2 - O DEFICIENTE MENTAL E SUA TIPOLOGIA

O termo "pessoa deficiente" identifica aquele indivíduo que, devido a seus "deficits" físicos ou mentais, não está em pleno gozo da capacidade de satisfazer por si mesmo, de forma total ou parcial, suas necessidades vitais e sociais, como faria um ser humano normal. Estas pessoas são, na literatura especializada, também identificadas como excepcionais, leva em contexto o aspecto positivo que realça as potencialidades que todo ser

humano é portador,

Deficiente mental ou criança excepcional segundo Kirk<sup>7</sup>, aplica-se tanto às crianças superdotadas quanto às prejudicadas por inteligência. Entende-se por criança excepcional aquela que por características físicas, mentais ou sociais distancia da média a ponto de necessitar alterações nos serviços da comunidade para que possa desenvolver ao máximo o seu potencial.

A incapacidade nas crianças deficientes pode ser de início, quase imperceptível ou do tipo que envolve várias funções, determinando danos que se estendem pelo resto da vida. O objetivo com relação a essas crianças é evitar que se tornem incapacitadas, que sejam negadas a essas crianças as oportunidades de brincar, aprender, trabalhar ou fazer as coisas que as crianças de sua idade devem fazer, não podendo, por esse motivo, fazer uso do seu potencial físico, mental e social, limitado que seja.

"O termo criança 'excepcional', abrange, portanto todas essas crianças, sempre que a incapacidade ou o desajustamento específico sejam menos significativos do que o fato da incapacidade ou do desajustamento em si." 8

Crianças com características que as levam a ser consideradas excepcionais frequentemente trazem problemas para os responsáveis por sua educação. A excepcionalidade pode acarretar obstáculos ao desenvolvimento do potencial máximo da criança. Os obstáculos que emergem da família são os mais significativos como impecilhos ao seu desenvolvimento.

A criança excepcional defronta-se como qualquer outra criança, com o problema de tornar-se adulto. É valioso o conhecimento e a valorização no sentido da independência máxima que ela

possa atingir.

Como indivíduo é um ser único e deve ser considerada como base suas diferenças individuais, sem esquecer que, no seu caso é duplamente única: única ou diferente em consequência de qualquer outro, além de única ou diferente por causa de sua excepcionalidade.<sup>9</sup>

A criança excepcional precisa conduzir-se socialmente de maneira a não ficar em desvantagem ou a vir a ser motivo de incômodo para outras pessoas. Esse é o ponto fundamental para sua aceitação ou rejeição na sociedade.

É difícil para a média das crianças conduzirem-se socialmente aceitando as normas e etiquetas sociais. Entretanto é imprescindível segui-las para não destoarem dos demais.

Freqüentemente os excepcionais despertam sentimentos de piedade e, por isso são tratados com indulgência, exigindo-se deles menos responsabilidade, contribuindo para perpetuar sua condição de fraqueza e dependência ou, às vezes, para torná-los exigentes e tirânicos, prejudicando-lhes na vida competitiva que o adulto tem de enfrentar.

As crianças excepcionais devem aprender desde cedo com seus pais a aceitar a autoridade. Devem começar a aprender como se conduz no trato com pessoas e objetos, a não violar a propriedade alheia, para serem bem sucedidas em nossa sociedade.

Também deve-se procurar dar à criança excepcional, a consciência do seu próprio ser.

As pessoas deficientes são levadas a se desvalorizarem por que os adultos as desvalorizam.

Um saudável conceito de si mesmo a levará da dependência a independência cada vez maior.

Algumas crianças têm estímulos físicos e outras têm limitações, como dificuldades na percepção viso-espacial, no desenvolvimento da linguagem ou da motricidade.

Essas dificuldades podem ser abrandadas na medida em que a criança for adquirindo um auto-conceito favorável. Em alguns casos como os de crianças com lesão cerebral, a auto-imagem empobrecida pode estar ligada a essa lesão cerebral. Um esforço intenso para desenvolver uma auto-imagem favorável é decisivo para sua vida.

É necessário também que a criança excepcional aprenda a aceitar a sua excepcionalidade, convivendo adequadamente com sua deficiência; possibilitará a sua adaptação social. Elas devem ser incentivadas a engajar-se ou buscar atividades para as quais tenham capacidade e que lhes dêem satisfações.

A manutenção da segurança adquirida através de todos os cuidados possíveis para sua reabilitação como pessoa, irá dar-lhes a manutenção da segurança tanto física como emocional. É preciso estarem preparadas para si e para com a sociedade.

As crianças excepcionais precisam estar protegidas da exploração por parte dos adultos. Suas necessidades físicas e psíquicas precisam ser satisfeitas e seus direitos devem merecer o mesmo respeito que os de todo indivíduo. É preciso conhecer suas habilidades e dificuldades, respeitando o seu ritmo próprio e auxiliando-as para se sentirem mais seguras.

Entre os excepcionais, há diferenças entre si, o que implica em uma classificação, de se apontarem características comuns a determinados grupos.

Os deficientes mentais estão centrados na faixa das oligofrenias e nela estão englobados os caracterizados como defici-

entes mentais leves (como inclusão dos lentos) e alguns deficientes mentais moderados.

O critério intelectual se presta a críticas, já que se pauta nos resultados psicométricos, indicadores de inteligência abaixo da média. Tais resultados obtêm-se por testes que são apenas preditores de certos aspectos do comportamento e que, como preditores, estão sujeitos a erro.

A ênfase dos resultados dos testes psicológicos de inteligência tem sido a causa de grande número de encaminhamento de deficientes mentais, para instituições especializadas, ou para classes especiais nas escolas comuns.

Atualmente, o uso dos resultados dos testes de inteligência é bem mais apropriado, aceitando-se os limites da competência social, da vocacional e/ou acadêmica. Daí o diagnóstico correto implicar a observação de vários especialistas e não apenas o resultado dos testes.

Como é imprescindível adotar uma classificação, Herber Rick <sup>10</sup> apresenta quatro graus na escala de comportamento adaptativo:

1. Leve Educável
2. Moderado Treinável
3. Severo subtreinável
4. Profundo Dependente.

Como este trabalho visa apenas ao leve educável, será sobre ele o enfoque a seguir, de vez que a descrição dos demais tipos de deficientes mentais não se fazem necessárias aqui.

#### 7.2.1 - Deficiente Mental Leve Educável

O retardado mental educável é aquele que, em seu desenvol-

vimento psíquico vagaroso, é incapaz de aproveitar suficientemente o programa da escola primária regular.<sup>11</sup>

Procura-se caracterizar o educável, valorizando as três condições básicas, para designar alguém como retardado:

- a) funcionamento intelectual subnormal;
- b) sua origem durante o período de desenvolvimento;
- c) prejuízo no comportamento adaptativo.<sup>12</sup>

Sabe-se por experiências do ponto de vista de escolaridade, que o retardado mental educável propriamente dito, pode alcançar até a 3a. série do 1º grau, desde que assessorados, pode seguir sua escolaridade em termos profissionalizantes, chegando ao seu auto-sustento.

"Do ponto de vista da idade mental, geralmente os educáveis, entram na escola com 3 a 4 anos de idade mental. Se a criança inicia a escolaridade passará dois anos na escola até ser considerada como aluno especial. Ela só obterá prontidão para a leitura e escrita aos 10 anos de idade cronológica, representativa de 7 anos de idade mental aproximadamente."<sup>13</sup>

Há entre os deficientes mentais educáveis diferenças entre si, o que implica em um atendimento diferenciado. O educável, com características funcionais globais melhores, pode vencer mais etapas, num tempo menor do que o necessário para aqueles que, potencialmente, apresentem menos recursos.

Loyd Dunn<sup>14</sup> caracteriza o grupo dos educáveis tomando como parâmetros:

- a) desenvolvimento físico e motor: se procedem de famílias cujas condições sócio-econômicas são precárias, tendem a ter peso e estatura abaixo da média, também no que tangem às habilidades, apresenta um atraso considerá -

vel;

- b) o ambiente familiar: do ponto de vista do ambiente familiar, se provêm de famílias de nível sócio-econômico-cultural médio-baixo, onde os fenômenos da aculturação, subnutrição, desarmonia nas relações familiares, rejeição, falta de condições higiênicas, etc. são mais pugnantes;
- c) o ajustamento social: sob o enfoque social, podem adquirir um comportamento social aceitável e funcionar razoavelmente na sociedade como parte dela, se forem adequadamente orientados. A primeira meta será ajudá-lo a desenvolver a independência tanto quanto possível, para que se torne independente na sociedade. Os pais precisam se convencerem do retardamento e aceitarem as necessidades que advêm disso ajudando a criança a formar hábitos, respeitando as etapas do seu desenvolvimento disciplinando-a;
- d) sobre as características de aprendizagem: sobre essa característica, aparecem quando a criança vai para a escola. Essas crianças não têm habitualmente qualquer estigma físico. Seu desvio geralmente se manifesta em comportamentos relacionados com os marcos normais do desenvolvimento. Alguns desses desvios são notados muito cedo; outros sô são percebidos quando a criança entra na escola.

As características a seguir que aparecem típicas de crianças educáveis mentais no âmbito da aprendizagem que são: a lentidão, âmbito de conhecimento possíveis mais limitados, esquecimento, menor capacidade retentiva e dificuldade de transferên

cia da aprendizagem, de acordo com a idade mental do indivíduo;

e) como característica atinente ao desenvolvimento da fala e da linguagem, ressalta o autor que, no retardado mental educável, quanto maior é o seu comprometimento, maior é a sua incapacidade em linguagem. A idade da linguagem é paralela à idade mental, ficando bem evidenciada a pobreza de vocabulário, a incapacidade de associar idéias.

Nos alunos mais comprometidos, há grande dificuldade em aprenderem a ler, e escrever, a operar com números. Também são mais frequentes os distúrbios da fala e da linguagem.

### 7.3 - AS CLASSES ESPECIAIS

As classes especiais são salas destinadas a crianças e adolescentes excepcionais, com um número reduzido de matrícula por turma (12 alunos).

Esse grupo tem permanentemente o mesmo professor especializado, que prepara o plano de curso e o plano de aula, de acordo com as necessidades de seus alunos. Fora do período de aula, os alunos devem ter contato com seus colegas de Classes Regulares, seja no recreio, seja nas atividades extra-classes, evitando-se assim a sua segregação e em atendimento aos "princípios básicos de Educação Especial - normalização, individualização e integração - ativando todas as estratégias de atendimento educacional - classe especial, classe comum com a ajuda do professor consultor, sala de recursos, oficinas pedagógicas e professores itinerantes.<sup>15</sup>

Essas classes estão inseridas nas escolas do ensino regu -

lar, obedecendo aos mesmos critérios de implantação com algumas exceções: preparo de testes e avaliações que variam de aluno para aluno, dependendo do ritmo de cada um, quanto aos critérios previstos e calendário escolar. Os alunos são agrupados em níveis, correspondentes às séries do ensino regular, adaptadas conforme se fizer necessário às características de sua clientela. Seguem-se, quatro séries em quatro níveis."Enquanto a experiência indique ser dois anos o tempo necessário para a execução dos objetivos previstos, nada impede que o aluno vença em tempo inferior, ou que permaneça mais tempo, o necessário ao desenvolvimento de cada um".<sup>16</sup> Deve o professor procurar oferecer ao aluno possibilidades de uma ação educativa, contínua e permanente, adaptáveis a eles atendendo às suas peculiaridades. As duas séries iniciais são basicamente de preparação para a escrita e o cálculo. Integrando o processo, destaca-se a importância da livre expressão criadora, do desenvolvimento da competência social e da afetividade da criança.

Procura-se centrar o eixo da aprendizagem no aluno, respeitando-se o seu ritmo desigual, não importando a relação série-ano escolar, visando-se à valorização, o desempenho do aluno. Estes desempenhos serão os indicadores, na proposta em classe especial, da possibilidade do aluno iniciar a série seguinte, seguindo-se assim por as demais séries da alfabetização, fixação e aprimoramento; dentro de situações concretas. Isto porque os deficientes mentais educáveis, embora com idade cronológica mais avançada, ainda estão, nos primeiros níveis de escolaridade, no período das operações concretas, ficando para as últimas séries, os conteúdos que exigem o pensamento formal, na dependência, porém, da maturação intelectual e/ou habilidades especiais dos alunos.

Tratando-se de linguagem, <sup>CRAL</sup> deverá o professor torná-la o mais concreta possível em situações vivenciadas em classe e extra-classe através de exercícios e atividades variadas.

NOTAS DE RODAPÉ

1. EDLER, Rosita et alii. Educação Especial: atuais desafios. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980, p. 15
2. Idem *ibid*, p. 16.
3. KIRK, S.A. Notas de Curso de Planejamento Educacional. Rio de Janeiro, CENESP/MEC, 1974, p. 10.
4. EDLER, Rosita et alii. Educação Especial: atuais desafios. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980, p. 20.
5. Idem, *ibid*, p. 18.
6. Idem, *ibid*, p. 17.
7. KIRK, S.A. Notas de Curso de Planejamento Educacional. Rio de Janeiro, CENESP/MEC, 1974, p. 14.
8. Idem, *ibid*, p. 15.
9. Idem, *ibid*, p. 16.
10. RICK Heber. Mental retardation Concep and a classification; in Traoo and Himelstein; Readings on the Excepcional Child; Ed.Melhuen, 1973, p. 499.
11. KIRK, S.A. Crianças Excepcionais: e sua educação familiar. Rio de Janeiro. Fundo de Cultura, 1960, p. 25.
12. DUNN, Loyd M. Crianças excepcionais, seus problemas, sua educação. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1971, p. 54, v. 1
13. Idem, *ibid*, p. 55.
14. Idem, *ibid*, p. 56-57.
15. EDLER, Rosita. Op. cit., p. 20.
16. KIRK, S.A. Notas de Curso de planejamento Educacional. Rio de Janeiro. CENESP/MEC, 1974, p. 22.

## VIII - A LINGUAGEM ORAL

Nesta parte, tratar-se-á da linguagem, da linguagem geral, bem como dos distúrbios referentes a esta última.

### 8.1 - LINGUAGEM E LINGUAGEM ORAL

A linguagem, de modo geral, envolve: recepção (decifração), associação (integração) e expressão (codificação) de mensagens. A linguagem receptiva (decifração) compreende a capacidade de ouvir e ler, enquanto a expressiva (receptiva) a de falar e escrever: assim, a comunicação se dá através da linguagem oral e escrita.

As palavras subtítulos das coisas e da ação, permitem a evocação de objetos ausentes ou de acontecimentos não atuais. Por esse fato, a linguagem traz possibilidades e abre perspectivas novas à atividade mental em seu conjunto. Favorece as condutas de comunicação e de troca.

"Falar é trocar sentimentos ou informações; é também estimular a cooperação, através do diálogo, sejam quais forem as dificuldades de um e de outro". 1

Enquanto subtítulo das coisas e da ação, as palavras permitem que se aprenda e se ordene o real, sem que se tenha que

manipulá-lo; além disso, sempre que ela é possível, a ação sobre as palavras é menos onerosa que a ação sobre as coisas.

"A linguagem é o suporte do pensamento, de início nas condutas de troca, mas também quando o homem se encontra só". 2

A linguagem, finalmente, aparece como um instrumento de ação sobre o outro; não somente para confirmá-lo, mas para transformá-lo, convencê-lo, irritá-lo, seduzí-lo, etc., e mesmo entrar em luta com ele na discussão, tendo como objetivo convencê-lo, isto é ainda transformá-lo pelo raciocínio e a dialética. Cumpre assim lembrar o valor da linguagem oral, principalmente tratando-se de deficientes mentais educáveis a qual servirá como meio, como sobrevivência auxiliando em suas necessidades. É necessário fazer uso da linguagem, começando através de iniciativas livres pela professora. É perigosa uma educação, na qual a criança não fala.

Entretanto, quanto maior a extensão da deficiência, maior é a incapacidade da linguagem oral. Desse modo, é raro o deficiente mental desenvolver uma linguagem suficiente para comunicar-se oralmente por meio de sentenças mais complexas, dependendo de comprometimento, dependerá da elaboração de sentenças, indo das mais simples para as mais complexas; outros são incapazes para emitir sentenças, daí a variação do vocabulário do deficiente, do atendimento a certas ordens e seu entendimento, entre outros fatos.

O deficiente mental educável desenvolve habilidades adequadas de comunicação oral para conversaçoão comum e atinge habilidades de leitura e escrita ao longo de sua maturação.

"A idade da linguagem é, praticamente, paralela à idade mental". 3

Deve se propiciar um programa de desenvolvimento da linguagem oral, em que haja experiências estimulantes e enriquecedoras. Tornam-se necessários os estímulos auditivos e visuais, a realização de exercícios que envolvam respostas a ordens, solução de problemas orais, organização do pensamento, como a capacidade de contar uma história, e as experiências de raciocínio crítico e criativo, tão elementares quanto possível no início das atividades. O principal objetivo da linguagem oral é proporcionar oportunidades de o deficiente melhorar sua linguagem receptiva e de comunicar-se de maneira clara e correta, utilizando um padrão de linguagem adequado a sua idade.<sup>4</sup>

O aprendizado perceptivo deve se constituir numa parte de sua vida diária. Deve se falar o tempo todo com a criança, de acordo com sua capacidade e compreensão, procurando ampliar o seu vocabulário, a fim de que ela vença dificuldades que podem levar tempo para serem sanadas, ou, então, tentar amenizar essas dificuldades.

O professor de deficientes mentais educáveis deve incentivar a livre iniciativa oral, a conversação informal, pedindo-lhes que contem fatos ou acontecimentos ocorridos, a dramatização, leitura, teatrinhos e outros recursos para o desenvolvimento da linguagem oral.

Alguns deficientes mentais educáveis são ansiosos por contarem fatos, acontecimentos, mas a formulação do pensamento é comprometida pela pobreza de expressão; o vocabulário é escasso e outros ainda nem se atrevem a se expor a essas atividades. Cabe ao professor torná-los mais aptos, pois vários fatores interferem em seu desenvolvimento da linguagem oral, provenientes,

na maioria das vezes, do meio sócio-econômico e social, que não lhes oferece meios para se expressarem convenientemente. Isso deve ser trabalhado pelo professor, na tentativa de proporcionar um bom desenvolvimento em linguagem oral, o que irá resultar num relacionamento capaz de se encaminharem profissionalmente em sua vida adulta.

## 8.2 - DISTÚRBIOS DA LINGUAGEM ORAL

Estudaremos aqui os distúrbios da linguagem oral, tratando-se de deficientes mentais educáveis que em seu desenvolvimento psíquico vagaroso, justifica-se por ser portador de uma deficiência mental leve, afetando-lhe principalmente a linguagem oral.

As estimativas da incidência da articulação e outros problemas de fala, no grupo dos educáveis, variam de 8 a 37%. A extensão do atraso da linguagem é maior entre o retardado. A pobreza de vocabulário, a incapacidade de associar idéias, a inabilidade de expressão verbal são problemas mais sérios que a dificuldade de emitir os vários sons da fala.<sup>5</sup>

A criança excepcional deve ser estimulada a desenvolver todas as habilidades e funções que afetam a linguagem oral, na mesma ordem de desenvolvimento que a criança normal, seguindo cuidadosamente a mesma exigência. É importante falar com a criança, mesmo quando ela ainda não atingiu a etapa de falar e mesmo antes que ela possa compreender as palavras.

A criança deficiente mental educável apresenta uma pobreza de vocabulário que a leva usar expressões comuns, estereotipadas, repetição da linguagem proposta pelo adulto, o que indica a sua deficiência.

"A cooperação planejada entre todos aqueles que querem ajudar a criança é necessária, de tal forma que usem as mesmas palavras e habilidades novas para não causar confusão no desenvolvimento da linguagem oral". 6

Paralelamente com a sintaxe corretiva, ela desenvolve uma sensibilidade para o timbre, a melodia, a intensidade e o ritmo da linguagem. É necessária uma fina coordenação entre a percepção e os movimentos dos órgãos da fala antes que esta possa se tornar bem modulada e diferenciada.<sup>7</sup>

Distúrbios de linguagem oral podem ocorrer quando a criança é prejudicada em seu desenvolvimento nas etapas que se sucedem. Ela pode não corresponder à comunicação oral por problemas congênitos, por questões cerebrais ou quando a criança não compreende a palavra falada ou tendo dificuldade em se expressar pela linguagem ou, ainda, por dificuldades motoras ou defeitos dos órgãos da fala.

Entretanto, tratando-se de deficientes mentais educáveis, ela deve ser trabalhada, de forma que eles sejam capazes de escutar, compreender as palavras e usá-las de maneira adequada, de tal forma que possam ser compreendidos por todos. Estas crianças, na maioria dos casos, são afetadas por problemas de timidez pelo insucesso e pela insegurança que lhes foi transmitida em experiências malogradas de comunicações verbais organizando-se em complexo de fracasso gerador de mutismo ou inibição verbal, capaz de prejudicar a função.

É imprescindível, sobretudo na classe de educação especial, o atendimento às funções de expressão, para que não se constituam em entrave a comunicação.

Como toda função, a linguagem encontra sua energética nas necessidades da criança por um lado, nas satisfações que a pró-

pria atividade suscita, por outro lado essas satisfações reativam muitas vezes a necessidade ou a vontade de falar.

"As motivações, entretanto, não bastam; são necessários os meios. O desenvolvimento da linguagem e o enriquecimento da expressão supõe a posse de um material intenso e variado (vocabulário), um domínio suficiente das regras de utilização (gramática) e certas formas de organização do discurso."<sup>8</sup>

"O ensino do vocabulário não consiste na aprendizagem de listas de palavras; a palavra só tem existência em uma frase e o sentido da palavra só se determina e se precisa quando a empregamos: Aprende-se a conhecê-las utilizando-as; o vocabulário a ser adquirido pelos deficientes mentais educáveis deve ser atual e usual; é preciso distinguir o que é pouco usado, para eliminá-lo e o que é muito usado, para valorizá-lo. É preciso evitar os termos vagos: "coisa", "legal", etc. Os debates de conteúdo moral permitem a aquisição dos termos abstratos: caridade, respeito, afeição, vaidade, mentira, etc.; essa aprendizagem faz corpo com a das noções que esses termos recobrem."<sup>9</sup>

Quanto a gramática, é uma disciplina normativa, mas as regras que ela representa não são prévias a linguagem, nasceu de uma reflexão sobre a língua. Para a língua falada, o exemplo e a correção sistemática dos erros comuns são os critérios acertados. O deficiente mental têm dificuldade em retê-las em reconhecer as situações às quais se aplicam e, posto isto, em utilizá-la. É preciso portanto, em qualquer circunstância, visar a expressão justa e, para tanto corrigir as faltas sem se cansar e sem cansar a criança, principalmente evitar inibições.

Tende-se atualmente a educar globalmente a linguagem, através da livre expressão, principalmente pela prática do texto

livre, como: a criança brinca e fala com sua marionete. Propõe-se que inventem histórias; pode-se passar a temas muito simples: fábulas, contos ou contos populares. Temas de redação, leituras ou a narrativa interrompida suscitam também a atividade de expressão: o professor lê um texto ou narra; quando o interesse, a curiosidade ou mesmo a emoção são despertados, ele se interrompe e propõe aos alunos que inventem a seqüência. Os debates também incitam a criança a se expressar; o interesse das discussões, ligadas à prática de cooperação ou de trabalho em equipe é das suscitadas por espetáculos (cineclube ou teleclube); elas contribuem para o desenvolvimento das funções representativa e dialética da linguagem. Enquanto ela prepara para a linguagem escrita, os textos orais são explorados de várias formas, abrangendo desde aqueles que ainda não sabem escrever. Estes fazem os seus desenhos em classe, são chamados a "contar", seu desenho.

Daí a necessidade de a linguagem oral ser trabalhada em sala de aula nas classes especiais por meio de atividades específicas e concomitantemente o professor deve ter o auxílio dos pais orientando-os na tentativa de recuperar o deficiente ou amenizar as suas dificuldades de linguagem oral, que são portadores de distúrbios da linguagem oral.

NOTAS DE RODAPÉ

1. NOT, Louís. Educação dos deficientes mentais. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1975, p. 95.
2. Idem, Ibid, p. 95.
3. DUNN, Loyd M. Crianças Excepcionais, seus problemas, sua educação. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos. 1975, p. 16 v.1.
4. Idem, Ibid, p. 18.
5. Idem, Ibid, p. 20.
6. KIRK, Louis. Teaching of Reading to Slow Learning Children Boston, Houghton Mifflin, 1961. p. 43.
7. Idem, Ibid, p. 45.
8. NOT, Louis. Educação dos deficientes mentais. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1975. p. 96.
9. Idem, Ibid, p. 96.

## IX - ATIVIDADES DE LINGUAGEM ORAL

Aqui são tratadas as principais atividades de linguagem oral, passíveis de serem aplicadas a deficientes mentais, em Classes Especiais, a começar pelos exercícios formadores do hábito lingüístico de falar.

### 9.1 - EXERCÍCIOS FORMADORES

Os exercícios formadores são os exercícios transformativos, exercícios gerativos, exercícios de comutação e outros que podem ser usados para que os alunos alcancem o domínio da norma culta, tornando hábito certas estruturas ou formas lingüísticas.<sup>1</sup>

#### 9.1.1 - Planejamento dos Exercícios Formadores

Ao elaborar os exercícios formadores, o professor deverá ter os cuidados seguintes:

- Jamais fazer exercícios sobre fatos iguais aos da língua familiar de seus alunos, pois iriam repetir a mesma forma da linguagem oral e da escrita que falam em casa.

- Os exercícios de fase oral devem ser feitos com total ausência da nomenclatura gramatical. O professor deve proceder interessando-se pelo domínio da língua e não pela terminologia gramatical, pelas regras gramaticais.
- Os exercícios devem ser feitos em situação real de diálogo, nas situações onde se realiza a linguagem.
- Não formar repetidores: o verdadeiro domínio é o do significado que está nos significantes.
- Ensinar sempre em períodos jamais por palavras soltas, pois falamos por períodos e não por palavras soltas.
- Os exercícios devem ser feitos com a prosódia normal da nossa língua, em obediência à intensidade, altura e quantidades normais da fala.
- No mesmo exercício treinar uma única dificuldade. Não se deve acumular dificuldades de natureza diferente.
- Evitar ao máximo que o aluno possa errar, por isso deve o professor ter o imediato controle das respostas. Poderá chamar primeiramente um aluno que acerte, elogiando a este, sem crítica alguma àquele que por acaso errou. Ou deixar os com possibilidades de erro por último. Aqui é preciso formar o hábito: é preciso escutar para depois poder falar.
- Repetir a mesma dificuldade em exercícios e diálogos diferentes. O aluno alcançará o domínio da língua quando

souber usar os novos elementos nas mais variadas seqüências da fala.

- Insistir nas mesmas dificuldades após algumas semanas, em outros semestres, em outras séries, ou quando o mesmo tipo de erro, tende a se instalar no aluno. Mas é preciso variar o exercício, para que ele não pense que é mera repetição dos que fez anteriormente.
  
- Variar o número de repetições de acordo com o aluno ou com os alunos. Como a língua é um hábito, novos hábitos só se formarão pela repetição. O professor deve chamar um dos melhores alunos, sem deixar os outros perceberem isso. Eles hão de acertar e depois chama os mais fracos, que já estarão aprendendo a língua de ouvido. O docente pode cortar a monotonia, chamando os alunos por fila. Eliminando o erro, todos repetirão juntos, observando a tonalidade, intensidade, rapidez, prontidão e com fluência.
  
- Ir do mais fácil para o mais difícil. Primeiro é preciso escutar e depois falar; procede também assim com os exercícios escritos.

Deve-se atender às seguintes recomendações:

- a) É mais fácil aprender primeiro o certo; nunca se deve apresentar o erro ao aluno.
  
- b) Apresentar o desconhecido, pedindo o conhecido. Em português, quase sempre o feminino ou o aumentativo ou o superlativo ou o plural são mais difíceis. Por conseguinte, o professor deve apresentar exercícios em que

apenas os alunos escutem as formas difíceis e respondam com a forma já conhecida .

Exemplos:

Professor: O menino comprou dois pães?

Aluno: Não. O menino comprou um pão.

Depois, quando a forma estiver bem fixada, o professor pode inventar o exercício, possibilitando o acerto, ou permitindo a consulta, ou chamando o mais capaz, de forma que ao final do exercício tenha chamado a todos.

- Apresentar as novidades numa seqüência, em gradação de dificuldades, indo da menor ou mais simples para a maior ou mais complexa.
- Combater primeiro os erros de maior incidência em sala de aula, subordinando-os à gradação de dificuldades.

## 9.2 - ATIVIDADES DE LINGUAGEM ORAL

São apresentadas aqui, as principais atividades de linguagem oral, aplicáveis em sala de aula tais como: dramatização, debates, pantomimas, histórias em quadrinhos, hora da novidade, sacos de surpresa, recados, passeios de observação, entre outras.

### 9.2.1 - Dramatização

Dramatização é dar forma de drama; tornar ou procurar tor

nar dramáticos.

Esta atividade tem por objetivo o desenvolvimento da criatividade, a espontaneidade e outras habilidades.

"A dramatização poderá ser feita em sala viva, onde todos participam, procurando melhorar por sugestões ou pensamento. Estão aprendendo português, estão aprendendo para a vida, estão preparando-se para a comunicação, integrando-se socialmente; estão aprendendo a conviver em grupo." 2

Os assuntos poderão ser os da vida real, sugeridos pelo texto da leitura, pelo professor, os quais poderão ser expostos em ocasiões especiais para toda a escola, improvisando com fantoches, bonecos de varas, teatro de sombra, e outros.

#### 9.2.2 - Debates

Debate é dar a forma de discussão, disputa, contestação.

Pela apresentação de problemas concretos, os alunos aprenderão como se consegue compreensão mútua, como se trocam informações, como se estabelecem mal entendidos, como se tomam decisões, como se defendem pontos de vista; aprendendo a aguardar a sua vez de falar, a ouvir, a se expressar e, sobretudo, a dar oportunidade de conhecer o outro e a si próprio.

#### 9.2.3 - Pantomima

Define-se por pantomima a arte ou ato de expressão por meio de gestos; designação particular das representações teatrais dos finais de espetáculos circenses.

É uma atividade de grande valor pedagógico que leva o alu-

no a se expandir, a criar e desenvolver a iniciativa e a linguagem oral, através de uma representação para os colegas adivinharem. Alguém costurando, cozinhando, batendo pregos, etc., ou com o tema dado pelo professor. Ex. "Você está contente andando a cavalo" ou Você perdeu suas bolas de gude ou Os alunos poderão representar a profissão de sua mãe ou a profissão de seu pai. Cada um será chamado a representar, enquanto os outros passarão a adivinhar ou ainda podem fazer pantomima com música (brinquedo cantado) etc.

Após cada representação haverá necessidade de comentários, estímulos, avaliação dada pelo professor, como forma de incentivo às atividades do grupo.

No desenrolar da atividade deverá o professor chamar aqueles que gostam dessas atividades, aqueles alunos salientes, conversadores e procurar insentivar aqueles alunos quietos, tímidos. Se esses não quiserem participar, poderão ser chamados por último ou em outra oportunidade. Não é bom forçar demais. Acaba tolhendo a iniciativa positiva e fixando a negativa; quanto aos alunos salientes é uma forma de canalizar o que há de positivo quanto a linguagem oral, que através de gestos irão se enriquecer e aprender a usar a linguagem oral adequadamente.

#### 9.2.4 - Reprodução de Histórias

É a interpretação oral, plástica e gestualmente de histórias que tenham sido contadas aos alunos pelo professor, ou pelos próprios alunos quando são chamados a contar o que leram, ou que ouviram, ou ainda o que viram quando se refere a um fato.

O principal objetivo é propiciar ao aluno oportunidades de melhorar sua memória auditiva e sua linguagem, de forma a

se expressar clara e corretamente, através de atividades para o desenvolvimento de habilidades de audição, vocabulário e organização do pensamento.

Sugestões:

- a) Distribuir gravuras de uma história. Ler a história e pedir aos alunos que apresentem as gravuras à medida em que a história se desenvolve.
- b) Levantar o braço toda a vez que ouvir o nome de um determinado elemento de uma história.
- c) Reproduzir histórias simples, ouvidas em sala de aula ou fora dela.
- d) Ouvir quatro frases que narrem uma pequena história e arrumar em seqüência quatro gravuras que a reproduza.
- e) Enumerar os personagens de uma história narrada pelo professor, conforme aparecem na história.
- f) O professor inicia uma história e pede ao aluno que a termine.
- g) O professor lê livros de histórias e explica os vocábulos desconhecidos pela criança.
- h) As crianças ilustram as histórias lidas pelo professor em que há repetição de vocábulo.
- i) As crianças inventam finais diferentes para as histórias já começadas.<sup>3</sup>

#### 9.2.5 - QUADRINHAS OU POEMAS

Esta atividade propicia o desenvolvimento da capacidade auditiva, a organização do pensamento e da memória, satisfaz

aos interesses e necessidades da criança.<sup>4</sup>

O professor deve escolher quadrinhas ou poemas simples e curtos ensiná-los por partes, seguidos de leitura e repetição. Por último, o aluno deve repeti-los ao todo, com ajuda e incentivo do professor, que o faz por ensaios, até que o aluno se habilite a fazê-lo. Para tanto, pode apresentar-se munido de um papel com a referida quadrinha ou poema, como auxiliar se necessário for.

#### 9.2.6 - Hora da Novidade

É a hora livre mas muito objetiva, onde os alunos tem oportunidade de contarem o que sentem necessidade e na qual acontece a linguagem oral propriamente dita: fluente, natural e espontânea.

Cada criança conta fatos passados em casa ou nos arredores de onde mora. Para não cairem numa repetição monótona pode ser feita no começo da semana, ou conforme o professor julgar interessante.

Podem levar objetos ou brinquedos para serem mostrados aos colegas. narrando fatos ligados aos mesmos, ou podem contar novidades ou acontecimentos ocorridos em casa, ou de um passeio ou de uma viagem que tenham feito.

Nessa atividade também procura-se incentivar os mais tímidos, os quais na posse de algum brinquedo ou de um objeto que tenham trazido, será mais fácil se proporem a esta atividade, a qual poderá ser auxiliada através de perguntas feitas pelo professor, ou então, o professor chamará os alunos mais falantes, deixando os mais tímidos para o final. Não há necessidade de

todos contarem as suas novidades num só dia, pois nem todos as têm. Procurar-se-á tornar a atividade espontânea.

#### 9.2.7 - Saco de Surpresa

É uma atividade interessante, prática, divertida e produtiva. Através desta atividade os alunos descobrem os objetos identificando-os pelo tato, percebendo-lhes a utilidade, forma, tamanho e ainda tentando perceber-lhes a cor, entre outros pormenores, dependendo da criatividade do professor.

A atividade tem por objetivo desenvolver a percepção tátil, como auxiliar da linguagem oral.

O professor mostra primeiramente os objetos aos alunos, de forma que eles percebam os detalhes. Em seguida o professor coloca uma série de objetos dentro de uma sacola de fazenda, para que as crianças os retirem sem olhar; cada um segura o objeto, procurando identificá-lo pelo tato. O professor pode fazer perguntas sobre o objeto que o aluno tem nas mãos:

De que cor é?

Está novo?

Para que serve?

Qual é o seu tamanho?

Qual é sua forma?

#### 9.2.8 - Recados

Esta atividade é de muita importância, habilitando o aluno nos seus contatos de vida diária no desenvolvimento da linguagem oral.

Recado é participação verbal, aviso, mensagem, repreensão, etc.

O objetivo desta atividade é despertar a atenção, capacitar a memória e organização do pensamento no aluno.

O professor pode formular um pequeno recado, chamando um aluno em particular e dizendo-o bem baixo ou de forma que os outros não ouçam. Em seguida, este tentará passar o recado e assim sucessivamente. No final, o último deve repetir o recado corretamente. Compara o recado dito ao primeiro aluno e o dito por último e chama a atenção para os devidos desvios do assunto.

Deve utilizar os alunos, para irem à Secretaria, dirigir-se ao Diretor, às serventes e outras pessoas, com propostas de recados.

#### 9.2.9 - Passeios de Observação

O objetivo desta atividade é o aperfeiçoamento da comunicação verbal, visual e da observação. O professor propõe um passeio, que pode ser feito pelas dependências da Escola ou fora dela. Durante o passeio, chama-lhes a atenção para o que surja de interessante. Na sala de aula, incentiva a observação informal através de perguntas, sobre o passeio realizado.

#### 9.2.10 - Leitura

Consiste no ato de ler, interpretando o conteúdo e fazendo a pontuação necessária. Tornando-se assim um ato de ler; aquilo que se lê.

"O objetivo principal da leitura é levar os alunos a lerem pelo conteúdo, a serem críticos em todas as áreas de estudo"<sup>4</sup>.

Os alunos Deficientes Mentais Educáveis a nível de 3a. ou 4a. séries devem ter domínio da habilidade de leitura para utilizá-la na aquisição de conhecimentos que lhe darão não só uma melhor compreensão da sociedade, mas também informações profissionais, em consequência do domínio da linguagem, sobretudo da linguagem oral.

Dada a importância da leitura, cabe descobrir quais os motivos que despertam a atenção dos alunos para ela:

- a) Conhecer os interesses infantís, de acordo com a idade e as dificuldades dos alunos;
- b) Compreender as influências de fatores nos interesses dos alunos da classe especial, através de conversações, observações, questionários e outras atividades.

As diferenças de interesses e leituras, nas classes especiais variam, dependem de fatores como: faixa etária, inteligência, inibição, timidez, livros disponíveis em casa e na escola, leitura pouco estimulantes, sem significado e sem conteúdo, distantes da compreensão a nível de suas deficiências.

O professor, para compensar essas dificuldades pode:

- a) Preparar pequenos trechos, fichas de leitura que devem ser de temas de interesse geral, a livre escolha, de conteúdo acessível e atraente.
- b) Criar períodos especiais de leitura independente, onde o aluno se dirige ao seu cantinho, programado pelo pró

prio professor, e seleciona a vontade o que deseja ler, e entrega-se a leitura silenciosa. O professor coordena, dirige todo o trabalho, de forma a ajudar nas possíveis dúvidas e, ao longo de todo o período, está fazendo sua avaliação. Além da avaliação formal, pode ainda avaliar os resultados ou efeitos sobre a personalidade dos alunos e rendimento escolar.

#### 9.2.11 - Jornal Mural

O objetivo desta atividade é levar a criança a se interessar pela leitura informal, como fonte de enriquecimento.

O jornal mural pode ser confeccionado com notícias de jornais e revistas, trazidas pelos alunos ou pelo professor, o qual lê em voz alta e dá uma explicação do texto. Ainda pode se colocar os trabalhos dos alunos de forma que todos sejam expostos sem distinção.

Pode ser confeccionado num quadro ou tablôide em madeira revestida de feltro e colocado em lugar de destaque. Deve estar sempre atualizado, para que seja atraente e sirva de incentivo às crianças.

O jornal mural é muito utilizado em classes de educação especial, pois os alunos que compõem estas classes são animados por verem seus trabalhos, seja de recorte, colagem, pintura ou outros; expostos e valorizados.

NOTAS DE RODAPÉ

1. Baseado em BACK, Eurico et alii, Linguística e o Ensino do Vernáculo. Rio de Janeiro, 1978, p. 138 Revista Trimestral de Cultura, nº 53/54.
2. Idem, *ibid*, p. 139.
3. GROSSO, Lia Dalva & Berlotti, Telma. Como preparar a criança para ler e escrever. 1a. ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1969, p. 86.
4. OLIVEIRA, Maria Helena Cazzolino de. Didática da linguagem como ensinar, como aprender. São Paulo, Saraiva, 1966, p. 95.

## X- CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho, espera-se mostrar ao professor o valor e a possibilidade de trabalhar o deficiente mental educável em termos de desenvolvimento de linguagem oral, em habilidades e atitudes corretas que lhe possibilitem prosseguir o ensino regular ou a enfrentar com menos dificuldade o mercado de empregos ou à nível profissionalizante.

Espera-se que o professor conscientize-se do aluno que tem em mãos, conhecendo-lhe suas possibilidades e suas necessidades. Em se tratando de deficientes, a situação é mais crítica, uma vez que as deficiências exigem atendimento mais individualizado. Deve o professor proporcionar ao deficiente tudo quanto seja dado à criança "normal", respeitando-se apenas suas limitações quantitativas e não qualitativas.

Os conteúdos acadêmicos das classes especiais, devem ser os mesmos do ensino regular, pois eles ampliam as possibilidades cognitivas do aluno pelo uso da memória, da compreensão, de análise, de síntese; porém eles terão que ser colocados em formas de exercícios e atividades ricos e variados para que sejam interessantes e atraiam os alunos deficientes mentais educáveis. Devem ser auxiliados por atividades como as artes plásticas, a música, a dança e outras, as quais enriqueça as experiências humanas.

Na prática, muitos deficientes estão se desenvolvendo em nível <sup>b</sup>baixo do de suas capacidades física, emocional, social, mental o permitem, porque os professores não têm procurado desenvolver o máximo de cada um.

Entretanto, há professores que estão empenhados em trabalhar com o deficiente e já começaram a propor novas técnicas e a solicitar novas idéias.

Por isso, buscou-se oferecer subsídios ao professor, um auxílio ao professor interessado em trabalhar com deficientes mentais educáveis e que represente aos demais um alerta, qual seja a de que o professor deve conhecer cada criança e preocupar-se com o que pode aprender. O professor precisa desenvolver uma série de exercícios e atividades, das mais simples, às mais complexas, atendendo à psicologia de cada aluno, estudando-lhes as diferenças individuais, observando-lhes os procedimentos, exigindo-lhes a prática diversificada e o ensino individualizado.

Daí ter-se apresentado nesta monografia sugestões de atividades que visam ao desenvolvimento da linguagem oral do aluno portador de deficiência mental, educável, matriculado em Classes Especiais, e nelas perfeitamente aplicáveis.

É óbvio que, considerando a extensão do trabalho, não foi possível apresentar todas as atividades de linguagem oral que o professor de classe especial pode utilizar com seus alunos. Todavia, a partir das aqui apresentadas, e, apelando para a sua própria criatividade, pode ele ampliá-las. Crê-se, dessa maneira, estar-se contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino naquelas classes no que diz respeito ao desenvolvimento dos alunos, da habilidade de linguagem oral.

## XI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACK, Eurico. Linguística e ensino do vernáculo. Rio de Janeiro, 1978, Revista Trimestral de Cultura, nº 53/54.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Lei nº 4.024 - 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira, s.d.
- BUENO, Francisco da Silveira. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. 11a. ed. Rio de Janeiro, FENAME, 1976.
- CAMARA Júnior, Joaquim Matoso. Manual de expressão oral e escrita. 4a. ed. Petrópolis, Vozes, 1977.
- DUNN, Loyd M. Crianças excepcionais, seus problemas, sua educação. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1971.
- EDLER, Rosita et alii. Educação especial: atuais desafios. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da Língua Portuguesa, 1a. ed. Nova Fronteira, 1977.
- GROSSO, Lia Dalva & BERLOTTI, Telma. Como preparar a criança para ler e escrever, 1a. ed. , Rio de Janeiro, José Olímpio, 1969.
- KIRK, S.A. Notas de Curso de Planejamento Educacional. Rio de Janeiro, CENESP/MEC, 1974.
- LEI nº 5.692 - 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino 1º e 2º Grau, dá outras providências. Curitiba, Secretaria de Educação e Cultura/FUNDEPAR, s.d.
- MEC/SENESP - Proposta Curricular, para deficientes mentais educáveis; elaborada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Brasília, MEC - Departamento de Documentação e Divulgação, 1979, 1º Vol.
- MACKIE, Romane P. Debelstein & HEBER, R.F. Preparation of Mentally Handicapped Youth for Gainful Employment. Washington, D.C.: Government Printing, 1959.

- MARINS, Maria Inez. Material de apoio para Operacionalização das Diretrizes Curriculares do Ensino de 1º Grau. - Comunicação e Expressão - Língua Portuguesa e Educação Artística. SEED/Equipe de Currículo/CETEPAR, Curitiba, 1976.
- NOT, Louis. Educação dos deficientes mentais. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- OLIVEIRA, Maria Helena Cazzolino de. Didática da linguagem: como ensinar, como aprender. São Paulo, Saraiva, 1977.
- PEREIRA, Olivia et alii. Educação Especial: atuais desafios. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980.
- RICK, Herber. Mental Retardation: concept and classification, in Trappe and Himelstein. Readings on the Exceptional Child Ed. Melhuen, p. 1973.
- VERGASON, G. Accountability in Special Education, In: KIRK & LORD, Exceptional Children: education resources and perspectives. Boston, Houghton/Mifflin, 1974.